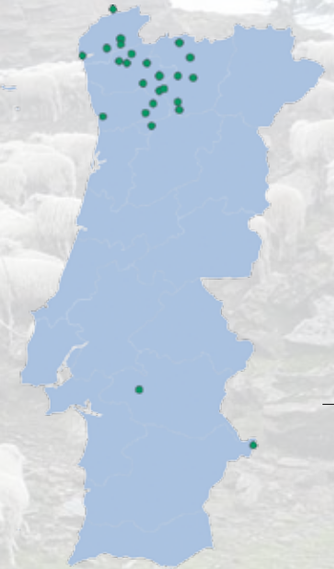
CHURRA DO MINHO

No início de 2019 estavam inscritos no Livro Genealógico da raça Churra do Minho 4.356 ovelhas, 101 carneiros e 73 criadores.

Área de dispersão dos criadores



Raça Autóctone

História e Evolução

As origens da raça Churra do Minho, tal como a das outras raças de ovinos do norte de Portugal, são possivelmente os troncos ibéricos *Ovis aries ibérica e ligeriensis* que teriam habitado a região peninsular, no entanto, é nítida a influência das raças de origem céltica. Na Churra do Minho, a influência de outras raças foi a menos significativa em relação às restantes raças ovinas da região norte de Portugal, uma vez que as, seletivas e restritivas, condições edafo-climáticas e a escassez de alimento em determinadas épocas do ano, não permitiram a implantação de raças mais produtivas nestas zonas de montanha do noroeste português. No passado, a selecção fazia-se principalmente pela qualidade da lã e do velo. Atualmente, o melhoramento incide sobre as características creatopoiéticas e reprodutivas, procurando-se obter uma maior precocidade e regularidade nas fêmeas reprodutoras, bem como uma melhor conformação e velocidade de crescimento nos borregos.

Estes animais são criados em regime de pastoreio livre, constituindo rebanhos mais ou menos numerosos, muitas vezes acompanhados de caprinos de raça Bravia e ainda hoje seguem as ancestrais regras de vezeira.

Características e aptidões

Os objectivos das explorações de Churra do Minho limitam-se à produção do tradicional borrego de leite, cuja carne de excepcional qualidade é reconhecida em toda a região do Minho, entrando na confecção de várias especialidades culinárias. A venda de borregos para consumo está normalmente associada a três períodos bem definidos da vida dos animais:

- Dos 2-3 meses, altura em que são vendidos e abatidos para consumo em restaurantes.

- Com 4-5 meses de idade, altura em que geralmente se pratica o desmame.

Com 12 a 14 meses de idade, é prática corrente o abate de machos castrados, principalmente para autoconsumo, com carcaças que rondam os 13 a 15 kg, estando o seu consumo associado à época festiva do S João.

A alimentação destes rebanhos nas zonas de montanha, faz-se quase exclusivamente à base de pastagem de fraca digestibilidade, composta por gramíneas pouco produtivas e arbustos semilenhosos. No Inverno a alimentação é complementada com fenos produzidos nos lameiros da própria exploração (áreas de melhor produção forrageira, de regadio tradicional, existentes nos planaltos da região do Minho e Trás os Montes).

Padrão da Raça

Aspeto geral - animais muito pequenos, geralmente de cor branca

Velo - é heterogéneo, recobrindo todo o corpo, exceto a cabeça e as extremidades livres dos membros. Composto predominantemente por pelos grossos, compridos, lisos, reunidos em madeixas pontiagudas. A coloração do velo é branca ou raramente preta;

Cabeça - de perfil recto. Pequena e adelgaçada para o focinho. Em geral com uma poupa no frontal. Olhos pouco salientes. Orelhas curtas e horizontais. Machos com cornos curtos, em espiral incompleta, apertada junto à cabeça (em foice). Fêmeas sem cornos;

Pescoço - comprido e estreito, proporcionado ao tamanho do animal. Roliço e recoberto de lã em toda a sua superfície. Por vezes com uma ligeira barbela. Má ligação ao tronco;

Tronco - de reduzidas dimensões transversais. Costelas pouco arqueadas. Linha dorso-lombar horizontal. Garupa estreita e um pouco descaída;

Úbere - pequeno mas globoso, com tetos bem implantados;

Membros - curtos e finos, dando-lhe um aspeto atarracado. Sem lã abaixo dos joelhos e dos curvilhões. Nádega mal musculada;

Apresentam uma média de pesos para os machos de 30 kg, para as fêmeas de 22 kg e de 2 kg ao nascimento.

Sistemas de exploração

O sistema de exploração desta raça é caraterizado por rebanhos de dimensão média, com encabeçamentos a rondar os 70 animais por exploração, inseridos em pequenas unidades agrícolas de montanha que aproveitam as grandes áreas de baldio da região.

Apesar de cada vez mais as explorações se individualizarem, fruto da atualização do sistema de produção, existem, no entanto, algumas explorações que preservam sistemas ancestrais de organização comunitária, nomeadamente o sistema de vezeira.

É muito usual encontrarem-se rebanhos conjuntos de ovinos e caprinos nas zonas altas de montanha, na medida em que o pastoreio conjunto destas espécies permite uma maior rentabilização das pastagens pobres dos baldios.

Atualmente existem rebanhos inseridos em explorações de média/grande dimensão, onde os ovinos desta raça, devido à sua rusticidade e capacidade de adaptação a diversos ecossistemas, servem de complemento a atividades agrícolas diversas, como a viticultura, bovinicultura, suinicultura, caça turística, etc.